

Editora Zain

A lenda de uma casa senhorial

Selma Lagerlöf

TRADUÇÃO DO SUECO
Leonardo Pinto Silva

POSFÁCIO
Isabel Machado

zain

© Editora Zain, 2026

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *En Herrgårdssägen*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DE CAPA

Filipa Damião Pinto

PROJETO DE MIOLO

Julio Abreu

DIAGRAMAÇÃO

Osmane Garcia Filho

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Marina Saraiva

Ariadne Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lagerlöf, Selma, 1858-1940

A lenda de uma casa senhorial / Selma Lagerlöf ; tradução
Leonardo Pinto Silva. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

Título original: En Herrgårdssägen

ISBN 978-65-85603-37-9

1. Romance sueco I. Título.

26-374344.0

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.73

Henrique Ribeiro Soares – Bibliotecário – CRB-8/9314

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

A lenda de uma casa senhorial

I

ERA UM BELO DIA DE OUTONO no fim da década de 1830. Naquela época, havia em Uppsala um sobrado ocre, estranhamente solitário no meio de um pequeno prado, muito além dos limites da cidade. A construção em si, um tanto sem graça e inóspita, era adornada pela frondosa trepadeira que, na face ensolarada da fachada de cor âmbar, subia tão alto que alcançava as três janelas do andar superior.

Num cômodo para o qual se abria uma dessas janelas emolduradas pelas plantas, um estudante tomava seu café da manhã. Era um rapaz bonito e esbelto, de refinada aparência. O cabelo, muito encaracolado, estava penteado para trás e adornava muito bem sua figura, embora a franja cacheada teimosamente continuasse a lhe encobrir a fronte. Ele se vestia com uma roupa confortável e casual, mas muito elegante.

Era um cômodo aconchegante, mobiliado com um belo sofá e poltronas revestidas, uma grande escrivaninha e belíssimas estantes, mas quase desprovido de livros.

Antes que começasse a tomar o café, outro estudante veio procurá-lo. Era um tipo bem diferente, baixinho, de ombros largos, fornido e forte, feio, com um rosto largo, cabelo fino e modos rudes.

“Sabe, Hede”, ele disse, “vim para lhe falar de um assunto muito sério.”

“Você se meteu em algum problema?”

“Oh, não, eu não”, disse o outro, “acho que tem mais a ver com você.” Ele ficou calado por um instante, olhando para o chão. “Estou muito constrangido em falar.”

“Então não fale”, sugeriu Hede. Aquela cerimônia toda lhe dava vontade de rir.

“É justamente isso que não quero fazer”, disse o visitante. “Já deveria ter lhe falado há muito tempo, mas não tive oportunidade, veja só. Não me sai da cabeça que você deve estar pensando: ‘Agora esse tal Gustav Ålin, filho de um dos nossos criados, se acha no direito de vir me dar lições de moral.’”

“De modo algum, Ålin”, disse Hede. “Não creia que eu possa pensar uma coisa dessas. Meu avô paterno era filho de um camponês.”

“Sim, mas quem mais se lembra disso hoje em dia?”, disse Ålin. Devagar, hesitando, deixando cada vez mais evidente sua ignorância como uma espécie de escudo diante daquele constrangimento, ele se acomodou na cadeira de frente para Hede. “Veja, quando penso no abismo que separa sua família da minha, acho que seria melhor me calar, mas quando lembro que só tive oportunidade de estudar por causa do seu pai, que tanto me ajudou enquanto viveu, chego à conclusão de que devo falar.”

Hede o encarou com uma expressão iluminada no rosto.

“Fale agora, para se livrar dessa angústia”, ele disse.

“A questão é”, disse Ålin, “que ouço dizer que você não faz nada. Dizem que você mal abriu um livro nos quatro semestres em que frequentou a universidade. Passa o dia inteiro tocando violino; e não duvido, porque antes, quando você ia à escola em Falun, também não pensava em outra coisa, por mais que tivesse de trabalhar.”

Hede se endireitou na cadeira. Ålin parecia cada vez mais vexado, mas prosseguiu com determinação.

“Você deve achar que quem possui uma propriedade como Munkhyttan pode se dar o luxo de viver como bem entende,

trabalhar se quiser, ou deixar estar, se for da sua vontade. Se passar nos exames, tudo bem. Se não passar, tanto faz, pois tudo que quer é continuar sendo o dono dessas terras, tudo que deseja é passar o resto da vida em Munkhyttan. Eu entendo perfeitamente que você pense assim.”

Hede ficou calado, e Ålin teve a impressão de vê-lo envolto na mesma aura de nobreza que envolvia seu pai, conselheiro do Colegiado das Minas,* e sua mãe, também conselheira.

“Mas é certo que Munkhyttan não é a mesma de outrora, quando a mina de ferro prosperava”, emendou ele com cautela. “O conselheiro estava ciente disso, portanto decidiu, antes de morrer, mandar o filho estudar. Sua mãe também sabia, coitada, assim como a comarca inteira. O único que ignora o assunto é você, Hede.”

“Você está insinuando”, disse Hede um pouco irritado, “que eu não sei que a mina de ferro está exaurida?”

“Oh, não”, disse Ålin, “você sabe disso muito bem; o que não sabe é que Munkhyttan está falida. Pense bem e chegará à conclusão de que ninguém pode viver apenas da lavoura aqui nos Vales.** Não sei por que sua mãe lhe escondeu isso. Mas a propriedade pertence a ela, e sendo assim não é a você que ela tem de pedir conselhos. Todos aqui sabem que ela anda passando por apuros. Vira e mexe está contraindo empréstimos, é o que dizem. Com certeza ela não há de querer apoquentá-lo com as preocupações que a afligem; decerto quer manter as coisas como estão até que você preste os exames. Ela não vai se desfazer da propriedade antes que você conclua os estudos e tenha uma nova casa!”

* Bergskollegium, estatal responsável pela indústria mineira e metalúrgica sueca estabelecida em 1637 e ativa até 1857, quando foi absorvida pelo Colegiado do Comércio. [Esta e as demais notas de rodapé são do tradutor.]

** A Dalecárlia Ocidental corresponde a *Västerdalarna* ou “Vales do Oeste” (também referida como *Dalarna*, “Vales”), província administrativa meridional e, historicamente, popular destino turístico na Suécia.

Hede se levantou e caminhou pela sala por um tempo. Depois, estacou diante de Ålin.

“Mas meu rapaz, você fica aí imaginando tolices. Afinal, nós somos ricos.”

“Estou ciente de que você ainda goza de muito prestígio entre as pessoas importantes daqui”, disse Ålin. “Mas você deveria saber que nada dura para sempre quando apenas se tira e nunca se põe. A situação era bem outra quando a mina ainda operava!”

Hede tornou a sentar-se.

“Minha mãe teria me contado tudo isso”, ele disse. “Eu lhe sou grato, Ålin, mas acho que você se deixou influenciar por boatos sem pé nem cabeça.”

“É, eu imaginei que você não sabia de nada”, afirmou Ålin com sinceridade. “Lá em Munkhyttan sua mãe fica economizando e se esfalfa para poder lhe enviar dinheiro e custear sua vida em Uppsala, e também para recebê-lo de volta em casa, nas férias. Enquanto isso, cá está você, sem fazer nada, pois ignora o perigo que se aproxima. Não suporto mais vê-los enganando um ao outro. Ela se ilude e acha que você está estudando, enquanto você se ilude achando que ela tem muito dinheiro. Não posso assistir impassível a você arruinando o próprio futuro.”

Hede ficou sentado em silêncio por um tempo, refletindo. Então se levantou e estendeu a mão para Ålin com o semblante triste.

“Sabe, acho que você tem razão, por mais que eu não queira acreditar no que me disse. Obrigado!”

Ålin lhe estendeu a mão, exultante.

“Compreenda, Hede, que nada está perdido, desde que comece a trabalhar. Com a inteligência que não lhe falta, você pode concluir o curso em sete ou oito semestres.”

Hede endireitou o corpo.

“Não se preocupe, Ålin”, ele disse. “Darei o melhor de mim.”

Ålin se levantou e se dirigiu à saída, ainda hesitando. Assim que chegou ao vão da porta, deu meia-volta.

“Eu tinha mais um assunto para tratar”, ele disse. De novo, parecia extremamente constrangido. “Queria pedir que me emprestasse o violino, até engatar os estudos.”

“Emprestar o violino?”

“Sim, é só embrulhá-lo no lenço de seda e guardar no estojo e me deixar levá-lo comigo, do contrário você não vai estudar. Assim que eu passar por essa porta, você vai começar a tocar de novo. Está tão obcecado pelo instrumento que não será capaz de resistir caso ele esteja por perto. Ninguém consegue superar essas coisas sem uma ajudazinha. É avassalador.”

Hede parecia relutante.

“Mas que bobagem”, ele disse.

“Oh, não, não é bobagem nenhuma. Você sabe que herdou isso do conselheiro. Tocar o violino corre no seu sangue. E desde que se emancipou aqui em Uppsala, não fez mais nada na vida. Preferiu até vir morar nesses confins só para não importunar ninguém tocando esse instrumento. Sozinho é que não vai conseguir sair dessa. Me deixe levar o violino!”

“Mas por quê?”, disse Hede. “Antes eu não conseguia parar de tocar. Porém agora é Munkhyttan que está em jogo. Tenho mais apego pela minha casa do que pelo meu instrumento.”

Ålin ainda insistiu e implorou pelo violino.

“Mas de que adianta isso?”, disse Hede. “Se eu quiser mesmo tocar, não precisarei caminhar muito para pedir emprestado outro violino.”

“Eu sei”, retrucou Ålin, “mas acho que qualquer outro violino não lhe faria tanto mal. Para você, o verdadeiro perigo é esse antigo violino italiano. E, além do mais, tomo a liberdade de sugerir que você permaneça dentro de casa nos primeiros dias. Só até se adaptar à nova rotina.”

Ele insistiu e insistiu, mas Hede estava irredutível. Não queria se submeter a nada tão ridículo quanto a essa espécie de prisão domiciliar. O rosto de Ålin corou.

“Vou levar o violino comigo”, ele disse, “ou tudo isso não terá servido para nada.” Parecia alterado e impaciente. “Não queria nem trazer o assunto à tona, mas sei que está em jogo algo muito maior do que Munkhyttan. No baile de formatura, na primavera do ano passado, conheci uma menina que dizia estar noiva de você. Bem, não sou lá de dançar, mas tive o prazer de admirá-la se movendo ao ritmo da música, de um lado para o outro do salão, reluzindo como uma flor da pradaria. E quando soube que era sua noiva, senti pena dela.”

“Foi mesmo?”

“Foi, pois sabia que, se você continuar desse jeito, não será nada na vida. E então prometi àquela moça que ela não precisaria passar a vida inteira esperando por alguém que nunca chegará, sofrendo e definhando enquanto espera por você. Não quero reencontrá-la dentro de alguns anos com os lábios retesados, emoldurados em rugas.”

Ele se deteve. Hede o encarava, inquisitivo.

Gunnar Hede já tinha percebido que Ålin estava atraído por sua amada. Movido pela intenção de preservá-la dessa sina, ele concordou e deixou que o rapaz levasse o violino.

Depois que Ålin partiu, Hede começou a ler como um louco, mas ao fim de uma hora largou o livro.

De que valia tanto estudo? Seriam mais três ou quatro anos naquele ritmo, e quem poderia garantir que a propriedade não seria vendida nesse meio-tempo?

Num sobressalto, ele se deu conta de como amava aquele lugar. Era quase como se estivesse enfeitiçado. Podia vislumbrar cada cômodo, cada árvore, como se estivesse presente ali. Sua felicidade não poderia prescindir de nada disso. Aferrar-se a um livro assistindo a tudo aquilo se esvaír entre os dedos!

Cada vez mais inquieto, sentiu o sangue palpar nas têmporas como se estivesse febril. E entrou em desespero por não poder pegar o violino e tocar para se acalmar.

“Por Deus”, ele disse, “este Ålin vai acabar me enlouquecendo. Primeiro veio me dar essa notícia e em seguida me privou do violino. Alguém como eu necessita tocar um instrumento, seja na tristeza ou na alegria. Preciso fazer alguma coisa, tenho de conseguir dinheiro, mas nada passa pela minha cabeça. Não consigo nem raciocinar sem o violino.”

Preso aos livros, Hede estava sucumbindo àquele confinamento. Era loucura se preparar tanto para uma graduação ainda tão distante quando o que realmente precisava era de dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Não suportava a ideia de estar confinado. Estava tão furioso com Ålin, o culpado por esse disparate, que temia dar-lhe um soco da próxima vez que o encontrasse.

Sim, ele precisava tocar. Se ao menos o violino estivesse à mão... Era isso o que lhe faltava. Seu sangue quase fervia de tanta ansiedade; estava perdendo o juízo.

Justo quando Hede mais desejava seu instrumento, um músico ambulante surgiu pelo pátio. Era velho e cego, tocava desafinado e sem paixão, mas Hede ficou tão comovido com o som do violino que seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele cruzava as mãos em prece e prestava atenção.

No momento seguinte, ele se precipitou pela janela e deslizou até o chão agarrado às trepadeiras, sem nenhum peso na consciência por ter largado os estudos. Era como se o violino tivesse aparecido apenas para consolá-lo em sua desgraça.

Hede, que nunca tinha feito um pedido tão humilde até então, agora implorava ao velho cego que lhe emprestasse o violino. Pedia com o gorro em mãos, embora o homem fosse cego como uma pedra.

Como o velho parecia não entender o que Hede pretendia, ele então se dirigiu à menina que o guiava. Hede se cur-

vou para a pobrezinha e repetiu o pedido. Ela o encarou como só é capaz de encarar alguém que consegue enxergar por dois. Aqueles olhos grises lançavam um olhar tão forte que Hede chegou a sentir um golpe. Ela agora examinava o colarinho dele recém-engomado, depois a casaca bem escovada, e em seguida as botas que reluziam de tão limpas.

Hede nunca havia passado por tal escrutínio. Não teve dúvida de que aquele era um olhar de reprovação.

No entanto, não foi assim. A garota tinha um sorriso peculiar. Seu semblante era tão sisudo que, quando sorria, dava a impressão de que naquele instante experimentava a sensação de felicidade pela primeira e única vez. E, agora, um daqueles raros sorrisos se insinuava por seus lábios.

Ela pegou o violino do velho e o entregou a Hede.

“Pois agora vamos ouvir a valsa de *O franco atirador*”;^{*} ela disse.

Hede estranhou que a menina lhe pedisse para tocar uma valsa naquele instante, mas isso não fazia diferença, o importante era empunhar o arco numa das mãos e o violino na outra.

Nada mais era necessário. O violino o consolou quase no mesmo segundo, conversando com ele com seus sons brandos e lenientes. “Sou apenas o instrumento de um miserável”, disse o violino, “mas tal como sou, sirvo de consolo para um pobre cego. Sou a luz, a cor e a claridade de sua vida. Sou eu quem o conforto na pobreza, na velhice e na cegueira.”

Hede sentiu que aquele terrível desânimo, que abatera suas esperanças, começava a se afastar dele. “Você é jovem e forte”, lhe disse o violino. “Pode lutar e resistir. Pode agarrar aquilo que quer lhe escapar. Por que tanto desalento, por que tanta tristeza?”

^{*} *O franco atirador* (*Der Freischütz*) é uma ópera em três atos do compositor alemão Carl Maria von Weber, com libreto de Friedrich Kind. O enredo conta a história de um jovem caçador que precisa vencer uma competição de tiro para poder se casar com sua amada.

Hede, que tocava olhando para o chão, agora ergueu a cabeça e observou ao redor. Uma pequena aglomeração de crianças e transeuntes tinha ocorrido ao pátio para apreciar a música.

Mas é certo que não estavam ali só por causa da música. O cego e sua guia não eram os únicos da trupe. Diante de Hede estava um sujeito vestido com um colete de tricô enfeitado com lantejoulas e com os braços descobertos cruzados sobre o peito. Ele parecia velho e alquebrado, porém Hede não teve como não reparar na estatura avantajada, no peito largo e nos bigodes compridos. E a seu lado estava a esposa, pequenina e gorducha e já não tão jovem, mas esbanjando felicidade com uma saia de tule e lantejoulas brilhando ao sabor da brisa.

Durante os primeiros compassos da música eles ficaram em silêncio, apenas acompanhando o ritmo da melodia. Pouco a pouco foram esboçando um sorriso, deram-se as mãos e começaram a dançar sobre uma colcha de retalhos.

Hede percebeu que os movimentos acrobáticos que os dois executavam eram conduzidos só pelo homem, enquanto a esposa ficava parada no lugar. Ele saltava sobre ela, rodopiava em torno dela, fazia medidas para ela, mas a mulher se limitava a ficar parada, jogando beijos para a plateia.

Na verdade, Hede não se importava tanto com eles. O arco começava a deslizar mais rápido sobre as cordas, como se lhe dissesse que a felicidade consiste em sofrimento e superação, quase como se o parabenizasse por estar naquela circunstância. Hede permaneceu ali, tocando num assomo de coragem e esperança, sem pensar no velho casal de saltimbancos.

De repente, percebeu que eles estavam inquietos. Já não sorriam, já não jogavam beijos para a plateia. O acrobata começou a pular feito louco, e a mulher a se balançar para a frente e para trás, no ritmo da valsa.

Hede passou a tocar com mais energia. Desistiu de *O franco atirador* e emendou uma antiga canção sobre um elfo das

torrentes, cuja melodia era uma dessas que deixa as pessoas ensandecidas em festas populares.

Os dois velhos saltimbancos perderam toda a compostura e ficaram boquiabertos. Chegou então um momento em que não puderam mais resistir. Deram um passo à frente e, um nos braços do outro, começaram a dançar valsa no meio da colcha de retalhos.

E dançaram e dançaram! A passos trôpegos, girando naquele espaço exíguo, mal conseguindo se limitar à colcha. O rosto deles irradiava diversão e êxtase. Duas faces que agora assumiam um aspecto juvenil e apaixonado.

Todos em volta se emocionaram ao ver aquele casal dançando. A menininha sisuda que guiava o cego agora estampava um grande sorriso no rosto, e Hede foi se animando ainda mais.

Era isso que o violino dele era capaz de fazer: arrancar as pessoas da apatia. Que poder tremendo, e quanta responsabilidade. A qualquer momento o instrumento poderia se assenhorar de tudo que ele possuía. Bastariam mais dois anos estudando sob a tutela de algum grande mestre. Depois, ele iria percorrer o mundo tocando para ganhar dinheiro, glória e fama.

Hede achou que os acrobatas vieram ali só para lhe dizer isso; indicar seu caminho, anunciar o que o futuro lhe reservava. E disse a si mesmo: “Eu quero, eu tenho de ser músico, eu preciso. Existe outro mundo além dos estudos. Posso encantar as pessoas com meu violino, posso ficar rico”.

Então parou de tocar. Os artistas imediatamente se aproximaram para cumprimentá-lo.

O homem disse que se chamava Blomgren. Esse era seu nome civil, mas usava um pseudônimo para se apresentar. Ele e a esposa eram artistas circenses veteranos. A sra. Blomgren costumava ser Miss Viola e fazia malabarismos a cavalo. E até hoje, embora já tivessem deixado o circo, continuavam

artistas — artistas apaixonados. Ele já deveria ter percebido. Foi por isso que não conseguiram resistir ao som do violino.

Hede os acompanhou por algumas horas. Não conseguia largar o instrumento e admirava o entusiasmo dos veteranos artistas pelo ofício. Ele mesmo estava disposto a tentar. “Quero ver se há um artista latente em mim, quero ver se consigo arrancar o entusiasmo das pessoas, quero ver se crianças e transeuntes virão atrás de mim de lugar em lugar.”

Enquanto passavam diante das casas, o sr. Blomgren vestiu um casaco velho e puído, a sra. Blomgren se cobriu com um poncho marrom, e seguiram assim, conversando ao lado de Hede.

O sr. Blomgren não queria falar sobre as glórias que ele e a sra. Blomgren colheram enquanto faziam parte do elenco de um circo de verdade. Ocorre que o diretor do circo demitiu a sra. Blomgren alegando que ela estava “muito corpulenta”. O sr. Blomgren não foi demitido, mas pediu demissão. Ninguém achava que ele admitiria continuar trabalhando sob a batuta de um diretor que tinha mandado sua mulher embora.

A sra. Blomgren amava arte, e, para que ela continuasse a executar seus números, o sr. Blomgren decidiu se tornar um artista de rua. No inverno, quando fazia muito frio para se apresentarem na rua, eles tocavam sob tendas. O repertório era vasto: pantomimas, mágicas e malabarismos.

O circo os rejeitara, o sr. Blomgren disse, mas a arte, não. Eles ainda serviam à arte e a dignificavam; a ela seriam fiéis até morrer. Sempre artistas, sempre! Essa era a opinião do sr. Blomgren, assim como a da sra. Blomgren.

Hede escutava em silêncio. Seus pensamentos corriam soltos, uma ideia atrás da outra. Às vezes na vida nos deparamos com eventos simbólicos, verdadeiros sinais que precisam ser decifrados. Havia um sentido nisso que acabara de lhe acontecer. Se ele conseguisse interpretá-lo, seria capaz de tomar uma decisão acertada.

O sr. Blomgren pediu ao estudante que prestasse bastante atenção à jovem que guiava o cego. Já tinha visto olhos assim? Não achava que aqueles olhos significavam alguma coisa? Era possível uma pessoa ter olhos como aqueles sem estar predeterminada a algo maior?

Hede se virou e olhou para a pálida jovem. Sim, os olhos dela pareciam estrelas brilhando num rosto melancólico e ligeiramente emaciado.

“Nosso Senhor sempre sabe o que faz”, disse a sra. Blomgren, “e até acho que tem algum sentido deixar um artista como o sr. Blomgren se apresentar na rua. Mas no que Ele estava pensando quando deu à garota aqueles olhos e aquele sorriso?”

“Quero dizer uma coisa”, disse o sr. Blomgren. “Ela não tem o menor talento para a arte. Mas aqueles olhos!”

Hede desconfiou que não estavam falando com ele, mas que, em vez disso, queriam dar uma lição à garota. Ela vinha logo atrás deles e podia ouvir cada palavra da conversa.

“Ela não tem nem treze anos, e certamente não é velha demais para aprender algo, mas é impossível, impossível, não ter o menor talento para nada. É melhor ensiná-la a estudar, meu senhor, se não quiser desperdiçar seu tempo tentando ensiná-la a fazer acrobacias!”

“Esse sorriso deixa as pessoas desconcertadas e fascinadas por ela”, continuou o sr. Blomgren. “Só por sorrir a menina vive recebendo propostas de famílias que querem adotá-la. Ela poderia crescer numa casa abastada agora, se abandonasse o avô. Mas de que adianta um sorriso que enlouquece as pessoas se ela nunca quer se apresentar montada num cavalo ou pendurada num trapézio?”

“Conhecemos outros artistas”, disse a sra. Blomgren, “que tiram crianças da rua e lhes ensinam o ofício quando eles próprios já não podem mais se apresentar. Vários deles descobriram e revelaram ao público uma estrela, e estão ganhando

muito dinheiro com isso. Mas o sr. Blomgren e eu nunca pensamos no dinheiro, só queríamos ver Ingrid atravessando um aro num salto enquanto o circo estremece de tantos aplausos. Seria como recomeçar nossa vida.”

“Por que temos de manter o avô de Ingrid conosco?”, perguntou o sr. Blomgren. “Ele é um artista à altura do nosso talento? Poderíamos até ter um ex-músico da corte no nosso elenco. Mas amamos a menina, não podemos abandoná-la. Aceitamos o velho por causa dela.”

“Ela não está sendo muito egoísta quando nos impede de torná-la uma artista?”, indagaram.

Hede olhou em volta. A jovem guia do cego caminhava com as marcas de um sofrimento duradouro impressas no rosto. Ele percebeu que ela sabia que quem não podia se equilibrar na corda bamba era alguém desqualificado e imprestável.

Nesse momento, enquanto se deslocavam de pátio em pátio, mas antes de começarem a apresentação, Hede subiu num carrinho de mão tombado no chão e fez um breve sermão.

Defendeu a pobre jovem guia do cego. Repreendeu o sr. e a sra. Blomgren por quererem entregá-la ao grande e implacável público, que a amaria e aplaudiria por um tempo, e depois a abandonaria na rua, velha e abatida, à mercê da chuva do outono e do frio congelante do inverno. Não, o verdadeiro artista é quem se dedica às pessoas, e a jovem Ingrid se dedicava apenas a uma pessoa, a quem jamais abandonaria, mas protegeria e cuidaria enquanto vivesse.

Lágrimas lhe brotaram dos olhos enquanto Hede falava, mas eram palavras que ele dizia mais a si mesmo do que aos outros. De repente, sentiu um pavor de ser exposto ao mundo, de deixar para trás a pacata vida doméstica que levava.

Então viu os grandes olhos da menina brilhando como dois sóis. Foi como se ela tivesse entendido cada palavra; como se tivesse readquirido o gosto de viver.

No entanto, o sr. Blomgren e a esposa estavam circunspectos. Apertaram a mão de Hede e lhe prometeram que nunca mais tentariam obrigar a menina a seguir na carreira artística. Ela faria o que bem entendesse da vida. Ele os convencera. Eram artistas, artistas apaixonados, compreendiam exatamente o que ele quis dizer quando falou de dedicação e amor.

Hede logo se despediu deles e voltou para casa. Já não queria mais descobrir nenhum significado oculto em sua aventura. Afinal, o único sentido naquilo tudo era ele ter evitado que aquela pobre criança infeliz passasse os dias lamentando seu infortúnio enquanto vivesse.